

A ESCOLARIZAÇÃO DE ADOLESCENTES E JOVENS E SUA RELAÇÃO COM PROBLEMAS SOCIOECONÔMICOS E AUSÊNCIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS EM SÃO FÉLIX DO XINGU-PA PARA MELHORAR O QUALIDADE EDUCACIONAL

THE SCHOOLING OF ADOLESCENTS AND YOUNG PEOPLE AND THEIR RELATIONSHIP WITH SOCIOECONOMIC PROBLEMS AND ABSENCE OF PUBLIC POLICIES IN SÃO FÉLIX DO XINGU-PA TO IMPROVE EDUCATIONAL QUALITY

LA ESCOLARIZACIÓN DE LOS ADOLESCENTES Y JÓVENES Y SU RELACIÓN CON LOS PROBLEMAS SOCIOECONÓMICOS Y LA AUSENCIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS EN SÃO FÉLIX DO XINGU-PA PARA MEJORAR LA CALIDAD EDUCATIVA

Rafael Romão Fonte Pinto¹,
rafaelromao007@hotmail.com

RESUMO

A baixa escolarização de adolescentes e jovens de São Félix do Xingu-Pá está diretamente ligado aos problemas socioeconômicos do município, que apesar de apresentar um PIB relativamente bom, tem uma alta concentração de renda e não converte sua arrecadação em bem-estar social, pouco investindo em formações acadêmicas ou profissionalizações, tendo uma mobilidade social bastante precária, o que permite a substituição da mão de obra local pela de migrantes de outras regiões. A educação tem um dos piores índices do estado e as políticas públicas são poucas e ineficientes para tornar o acesso à educação de qualidade democratizada e que tenha conclusão de todas as etapas. A baixa escolarização gera problemas sociais, pois um jovem que abandona os estudos, se torna um problema para todo mundo, pois não se qualifica para o mercado de trabalho e na melhor das hipóteses fará parte de um grupo de empregados mal remunerados, que precisa submeter-se as más condições de trabalho para não ser demitido. Isso quando não faz parte de negativas estatísticas de desempregados ou que se envolveu com tráfico, uso de drogas, gravidez precoce, alcoolismo, roubos ou assassinatos. A escola está pouco atraente e reproduz práticas de uma sociedade excludente.

Palavras-Chave: Escolarização; Mobilidade Social; Vulnerabilidade Social; Estado.

SUMMARY

The low schooling of adolescents and young people from São Félix do Xingu-Pá is directly linked to the socioeconomic problems of the municipality, which despite having a relatively good GDP, has a high concentration of income and does not convert its collection into social welfare, investing little in academic formations or

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará, Graduado em História pela Universidade do Norte do Paraná, Especialista em Gestão, Orientação e Supervisão Educacional, Mestrando em Educação.

professionalization's, having a very precarious social mobility, which allows the replacement of local labour with those of migrants from other regions. Education has one of the worst rates in the state and public policies are few and inefficient to make access to quality education democratized and complete all stages. Low schooling generates social problems, because a young person who leaves school becomes a problem for everyone, because he does not qualify for the job market and at best will be part of a group of low-paid employees, who need to undergo poor working conditions in order not to be fired. This is when it is not part of negative statistics of unemployed or who has been involved in trafficking, drug use, early pregnancy, alcoholism, robberies, or murders. The school is unattractive and reproduces practices of an exclusionary society.

Keywords: Schooling; Social Mobility; Social Vulnerability; State.

RESUMEN

El bajo nivel educativo de adolescentes y jóvenes en San Félix del Xingu-Pá está directamente relacionado con los problemas socioeconómicos del municipio, que, a pesar de tener un PIB relativamente bueno, tiene una alta concentración de ingresos y no convierte sus ingresos en bienestar social. invirtiendo en formación académica o profesionalización, teniendo una movilidad social muy precaria, que permita la sustitución de mano de obra local por migrantes de otras regiones. La educación tiene uno de los peores índices del Estado y las políticas públicas son pocas e ineficientes para hacer que el acceso a una educación de calidad se democratice y se tengan todas las etapas. La baja educación genera problemas sociales, ya que un joven que abandona la escuela se convierte en un problema para todos, ya que no califica para el mercado laboral y, en el mejor de los casos, formará parte de un grupo de empleados mal pagados, que necesitan someterse a las malas condiciones laborales para no ser despedidos. Esto es cuando no forma parte de las estadísticas negativas de personas desempleadas o involucradas en el tráfico, consumo de drogas, embarazo precoz, alcoholismo, robo o asesinato. La escuela es poco atractiva y reproduce prácticas de una sociedad excluyente.

Palabras clave: Escolarización; Movilidad Social; Vulnerabilidad Social; Estado.

INTRODUÇÃO

A escola é um ambiente que estiga questionamentos, que nos provoca reflexões acerca das inúmeras realidades das crianças que compõem o grupo de alunos. Há aqueles que parecem ser bem cuidados, limpinhos, cheirosinhos, há também aqueles que parecem não ter a mesma sorte. Há aqueles bem agitados, os tranquilos e os bastante tímidos. Tem ainda os estudiosos e aqueles que não querem saber de estudar. Isso nos leva a imaginar como seria a realidade destes alunos fora

da escola, como seria sua convivência familiar, o que trazem de fora da escola. Até que ponto o meio em que vivem ou a ineficácia do estado podem influenciar no seu desempenho escolar ou na mobilidade social das pessoas do município? É pensando nisso que este artigo traçará estratégias e tentará entender, para desconstruir ou reforçar conceitos pré-estabelecidos, hipóteses levantadas comumente sem o estudo aprofundado de caso que pode nos levar a equívocos. O trabalho discorrerá sobre a dificuldade no ensino aprendizagem que aumenta com as dificuldades socioeconômicas e a ausência de políticas públicas em São Félix do Xingu.

Parece que os que mais precisam se apegar aos estudos como subterfúgio de uma realidade menos favorecida são os que menos buscam esta saída. O que levam esses grupos sociais a terem esta postura? Como São Félix do Xingu pode representar bem esta situação? Seria um comportamento cultural motivado pela ausência de perspectiva de crescimento diante da escassez de oportunidades? Ou um comportamento transmitido de geração para geração de não ver o estudo como prioridade? Seria o fato de as pessoas terem outras prioridades, como escapar da fome e outros problemas trazidos pela pobreza? Talvez negligência familiar reforçada por problemas sociais?

A ideia deste projeto surgiu a partir da experiência do cotidiano escolar em que se observou a angústia do professor ao não alcançar seus objetivos em sala de aula devido as complexidades trazidas pelo processo de ensino-aprendizado e na maioria das vezes costuma levantar hipóteses sobre as causas do não aprendizado, da baixa produtividade. Os motivos mais levantados são desinteresse dos alunos e negligência dos pais. Sem dúvidas, estas duas são as principais queixas do professor, no entanto, se faz necessário um aprofundamento maior diante desta problemática. Quais os fatores por trás disto? O que leva o desinteresse do aluno? E o que faz com que os pais não deem a prioridade esperada na educação de seus filhos? Com certeza, há muito a ser desvendado, pois a natureza nos mostra que na grande maioria das vezes, os pais cuidam de seus filhos e querem sempre o melhor para eles, há menos que haja fatores externos mais fortes que os impeçam de fazerem o que precisam para oferecer mais pelos filhos. E é sobre estes fatores que a pesquisa buscará explicações.

Será feito um estudo de campo em São Félix do Xingu, para saber o que leva às famílias a se afastarem do que poderia ser o meio de superação, que é o ambiente educacional. Por que não reconhecem a escola como possibilidade de mobilidade

social? Utilizando variadas técnicas de pesquisas, como método indutivo, enfoque qualitativo e quantitativo, com coletas de dados bibliográficos.

Os pontos a serem abordados serão a relação entre a situação socioeconômica e a baixa escolaridade de adolescentes e jovens em São Félix do Xingu, analisando a alta concentração de renda, as poucas possibilidades de estudo e a precariedade do ensino que apresenta índices educacionais bastante baixos, propondo uma mudança estrutural da educação, desde o serviço de aprendizagem ao de transformação social, sendo esta, uma engrenagem muito importante no contexto da justiça social.

CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICA E A BAIXA ESOLARIDADE

A baixa escolarização, a ausência do Estado e os problemas socioeconômico andam lado a lado em São Félix do Xingu, conseqüentemente um ajuda o outro a se estabelecer e dificultar a ascensão social da população. O desemprego não é o principal problema, mas os baixos salários que são reflexo também da quantidade de pessoas empobrecidas que por não ter uma profissionalização mais rentável, se tornam parte de um grupo de trabalhadores que aceitam trabalhar por um valor salarial baixo, dando mal para alimentar sua família e isso acaba se tornando mais uma dificuldade para os pais poderem dar a devida atenção a escolarização aos seus filhos, o que gera uma criança frustrada na escola que desistirá de estudar e fará parte do mesmo grupo de trabalhadores, futuramente, que aceitam salários baixos e má condições de trabalho para não passarem por maiores necessidades.

A escassez de universidades públicas é outro fator negativo. Até pouco tempo era inexistente instituições que ofertasse ensino superior gratuito, algo que também contribui para a falta de perspectiva de conclusão dos estudos, pois a maioria dos pais não tem condições de mandar seus filhos estudarem fora do município nem pagar faculdade particular, o que também se torna um fator de desmotivação. Juntando a inexistência de cursos técnicos de profissionalização, se tornava, até pouco tempo, praticamente utópico pensar no estudo como fator de garantia de ascensão social em São Félix do Xingu. Esta falta de perspectiva, ainda existente, leva aos jovens a desistirem da educação prematuramente, aumentando a evasão escolar e fazendo com que a universidade pública federal, recém-construída no município, seja pouco

procurada pelos seus munícipes e ocupada por pessoas de outras cidades ou mesmo não preenchendo as vagas disponíveis.

As Possibilidades De Estudo

De acordo com o QEDU, um portal desenvolvido pela Meritt e Fundação Lemann, com o objetivo de permitir que a sociedade brasileira saiba e acompanhe como está a qualidade do aprendizado dos alunos nas escolas públicas, o município conta com 41 (quarenta e uma) escolas públicas que oferecem os anos finais do ensino fundamental, sendo que 09 (nove) estão situadas na zona urbana. Conta também com uma escola pública de nível médio que se estende por meio de um anexo a um distrito do município há 100km do centro. Há ainda, 02 (duas) escolas privadas que completam a oferta no nível fundamental e médio. Ao todo, são atendidos em escolas públicas 5305 (cinco mil, trezentos e cinco) alunos nos anos finais do ensino fundamental e 1955 (mil, novecentos e cinquenta e cinco) no ensino médio de acordo com o CENSO de 2020.

Há uma universidade pública que oferece três cursos, Letras, Ciências Biológicas e Engenharia Florestal, que atende em média 400 alunos e começou a ofertar os primeiros cursos em 2014 segundo a página oficial da instituição. Além desta universidade pública, há mais duas instituições privadas que também ofertam cursos de nível superior e especializações.

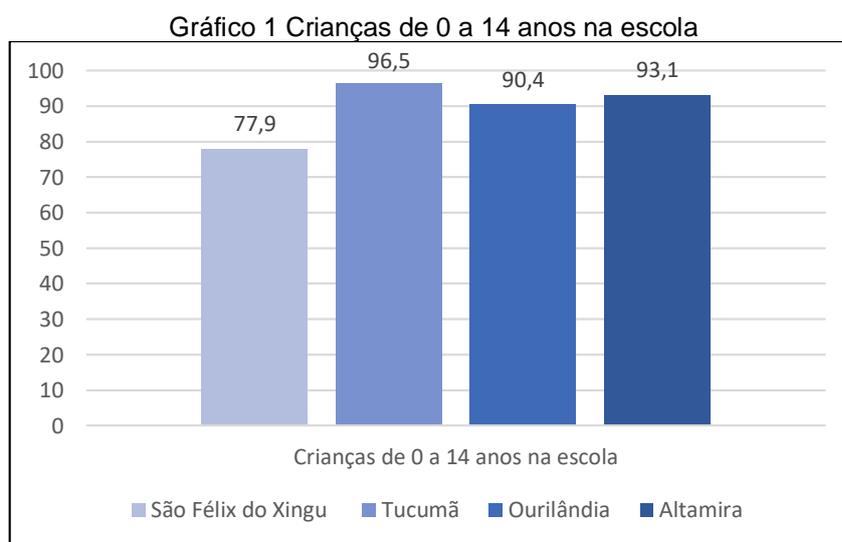
O estado oferece cerca de 2% do total de habitantes, a possibilidade de cursar o nível superior e isso há apenas 7 anos. Quando se somam o percentual de ofertas das instituições superiores privadas o número sobe para um pouco mais de 3%. Ou seja, o município de São Félix do Xingu é muito escasso no que se refere a garantir o ensino superior para sua população, gerando desesperança que conseqüentemente cria uma desmotivação generalizada que assola a grande maioria da população que desacredita na possibilidade de ascensão, não vê no estudo uma possibilidade de crescimento e essa ideia se torna então, uma cultura que é passada inconscientemente de geração para geração.

Fazendo uma reflexão a respeito da educação e sua relevância para a sociedade, Durkheim (2011, p.48) citado por Adir Valdemar Garcia e Silvia Cristina Yannoulas em seu artigo “Educação, pobreza e desigualdade social”, afirmava que a educação jamais devesse depender dos eventuais interesses individuais, pois ela tem

uma função fundamentalmente social. Não que devesse monopolizar o ensino, mas o Estado precisa interessar-se por ela e priorizá-la. Segundo Durkheim, a sociedade modela os indivíduos de acordo com suas necessidades, o que abre espaço para o entendimento que as pessoas sofrem uma ditadura, no entanto, para os cidadãos há uma vantagem nessa submissão e por isso há interesse por ela, porque aquele que se desenvolve a partir da ação em conjunto através da educação, expõe o que há de melhor, ou seja, o que existe de humanidade em cada um. Isso leva a crer que o estado precisa e deve priorizar a educação, mesmo que por algum motivo os indivíduos não priorizem, pois isso terá consequências positivas ou negativas dependendo da postura que se tomar.

NÍVEL DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL EM SÃO FÉLIX DO XINGU

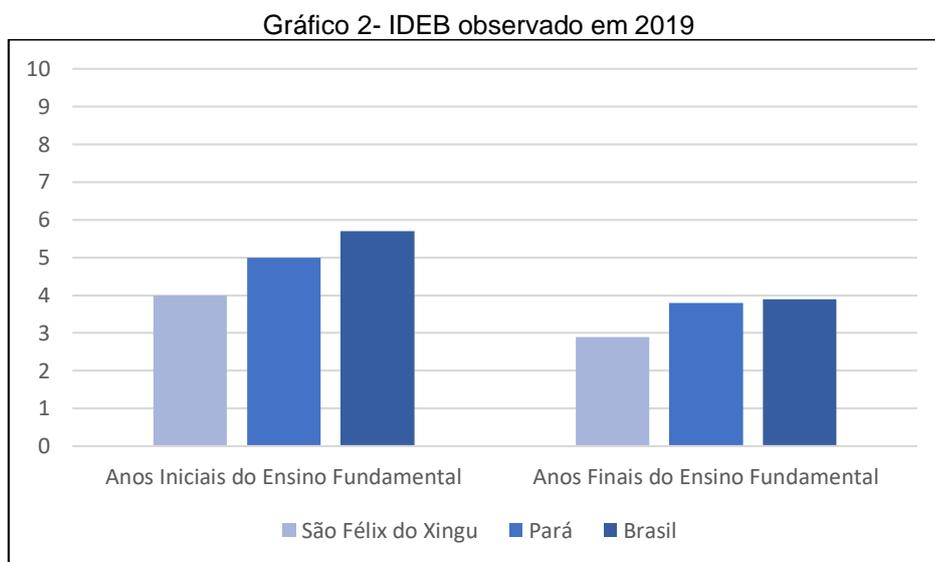
São Félix do Xingu é uma cidade de pouco mais de 124 mil habitantes e 14.067 alunos matriculados na educação básica, tendo um percentual de 77,9% das crianças de 0 a 14 anos escolarizadas, número extremamente baixo se comparado a suas cidades vizinhas Tucumã, Ourilândia e Altamira que tem respectivamente 96,5; 90,4 e 93,1% segundo a última atualização do IBGE sobre esse tema em 2010.



Fonte: IBGE – 2010

Os números negativos não param por aí, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira o índice da educação básica do município aponta para uma educação de baixíssima qualidade, apresentando uma

taxa educacional inferior à média estadual e nacional, mesmo a média estadual sendo uma das piores do país.



Fonte: Prova Brasil 2017, Inep.

São Félix do Xingu:

- IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (rede pública) [2019]: 4,0;
- IDEB – Anos finais do ensino fundamental (rede pública) [2019]: 2,9;

Pará:

- IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (rede pública) [2019]: 5,0;
- IDEB – Anos finais do ensino fundamental (rede pública) [2019]: 3,8;

Brasil:

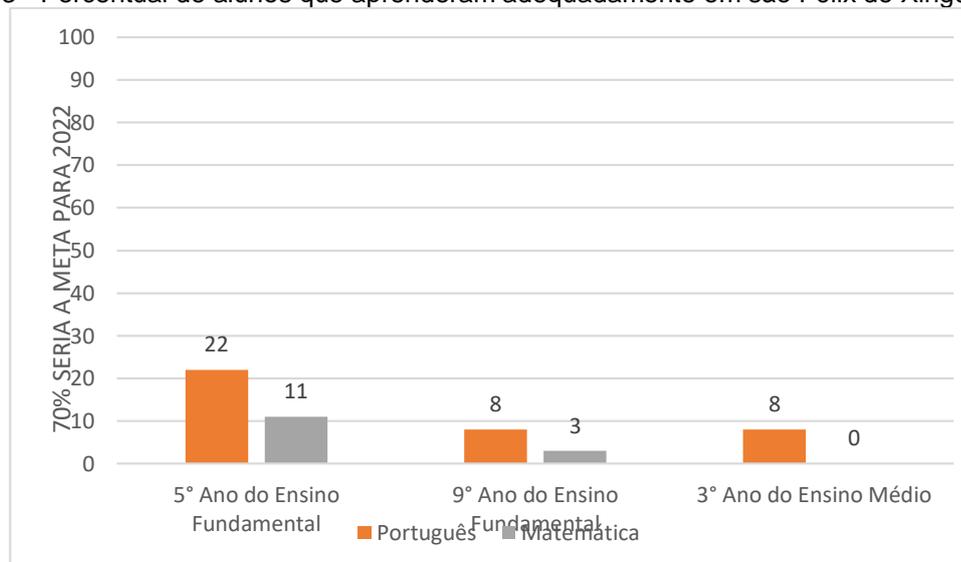
- IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (rede pública) [2019]: 5,7;
- IDEB – Anos finais do ensino fundamental (rede pública) [2019]: 3,9.

Desde 2005, quando se iniciou as avaliações externas que medem o desenvolvimento educacional das escolas no Brasil, São Félix apresenta índices bastante baixos, com avanços tão discretos que se tornam praticamente insignificantes. Falta uma ação consistente de intervenção através das políticas públicas para mudar esse cenário.

Abaixo o gráfico aponta o percentual de aproveitamento educacional dos alunos a partir das avaliações realizadas em 2017. Segundo o QEdU, portal desenvolvido pela Meritt e Fundação Lemann, com o objetivo de permitir que a sociedade brasileira saiba e acompanhe como está a qualidade do aprendizado dos

alunos nas escolas públicas e cidades brasileiras, 22% é a proporção de alunos que aprenderam adequadamente na competência de leitura e interpretação de textos até o 5º ano na rede pública de ensino em São Félix do Xingu, e apenas 11% aprenderam adequadamente matemática. Nos anos finais cai para 8% português e 3% Matemática. No ensino médio mantém os 8% em português, mas cai para 0% em matemática. Segundo o movimento Todos Pela Educação, a meta para 2022 seria de que 70% dos alunos da rede pública deveriam aprender adequadamente, de acordo com a projeção oficial, mas será uma missão impossível para o município que está muito longe da meta e não apresenta medidas que altere esta situação.

Gráfico 3 - Percentual de alunos que aprenderam adequadamente em São Félix do Xingu em 2019

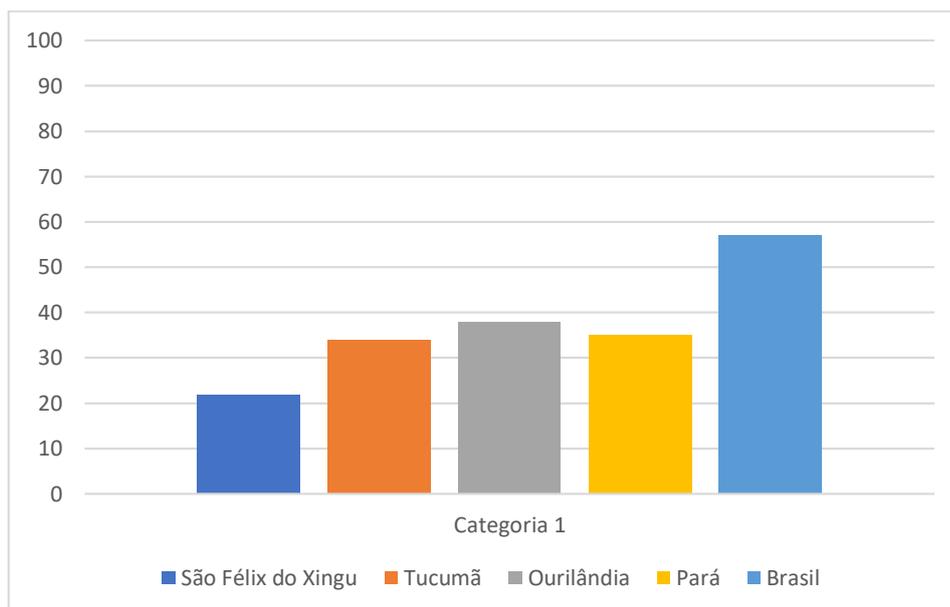


Fonte: Prova Brasil 2017, Inep.

Os números são assustadores e deveria ser um sinal de alerta para o poder público, que precisaria intervir de forma eficaz e mudar o cenário caótico em que o município se encontra.

Para se ter uma ideia, quando se compara o aprendizado de São Félix com os municípios vizinhos, o estado e a nível nacional, os números do município parecem ainda mais desastrosos. Seus vizinhos Tucumã e Ourilândia alcançaram média 34% e 38%, o estado do Pará 35% e Brasil 55% em português nas séries iniciais, enquanto São Félix tem uma média de 22% apenas de aprendizado. Diferenças semelhantes nos demais anos e disciplina.

Gráfico 4 - Média de aprendizado em 2019



Fonte: Prova Brasil 2017, Inep.

Isso já deveria ter sido motivo de desespero para os diferentes gestores que assumiram o município nos últimos anos, caso dessem a importância devida à educação, que pede socorro e parece ser invisível aos olhos do poder público.

De acordo com a diretora da escola municipal 1² Marechal Rondon, que também já atuou como diretora em outras escolas do município, relatou que o baixo desempenho e evasão escolar estão também relacionados a baixa renda familiar, pouca ou nenhuma escolarização dos responsáveis, domicílio localizado em áreas longínquas ou rurais, trabalho informal, discriminação por cor ou gênero, distorção idade-série. Apontados como problemas enfrentados no dia a dia da escola, mas que vão muito mais além, “esta é apenas a ponta do iceberg”, pois o problema vem de cima para baixo, desde a falta de políticas públicas voltadas para a educação como maiores investimentos, projetos de intervenção, valorização do profissional até os problemas sociais gerados pela má distribuição de renda, concluiu a diretora.

O ex-secretário adjunto de educação e professor, 2³ (2021), que já foi diretor em várias escolas e mora em São Félix há mais de 40 anos afirma que a educação xinguense, que em outros tempos estava bem mais precária, conseguiu avanços significativos como infraestrutura, inovações tecnológicas, formação de professores, material didático, entre outros aspectos que deveriam favorecer a aprendizagem. Mas,

² Informação fornecida pela 1 diretora da escola Marechal Rondon em 18/06/2021.

³ Informação fornecida pelo 2 ex-secretário adjunto e professor em 28/06/2021.

apesar dos investimentos e incentivos, os dados de aprendizagem obtidos através de avaliações como: SAEB, através da Prova Brasil e ENEM, apontam resultados muito aquém do necessário. O ensino do município não tem oferecido a qualidade básica da leitura e escrita. Conseqüentemente, o aluno chega no ensino médio com muita dificuldade, o que compromete todas as áreas do conhecimento gerado pela impossibilidade de compreensão e interpretação de textos, prejudicando também a elaboração de redações, tão exigidas nos dias de hoje, conclui o ex-secretário adjunto (Informação verbal)

Nota-se que em parte, que os problemas relacionados aos baixos índices também tem forte ligação ao fato de 32 das 41 escolas serem na zona rural e que isso acarreta desafios ainda mais difíceis de serem enfrentados, pois aí residem grandes problemas educacionais, dentre eles as fragilidades do ensino e da aprendizagem, relações de trabalho precárias enfrentadas pelos professores no dia-a-dia escolar, transporte escolar que sofre com as intempéries climáticas e falta de manutenção, infraestrutura escolar, altas distâncias percorridas pelos alunos para chegarem a escola mais próxima.

No livro “Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra” Freire e Macedo (1990), destacam o quão é importante os professores motivarem seus alunos a despertar sua criatividade, individualmente e coletivamente, o que remete em ir além do texto, arriscar-se. Ainda de acordo com os autores, “Em vez de reforçar as repetições puramente mecânicas de frases e de listas de fatos ou acontecimentos, os educadores deveriam estimular os alunos a duvidar” (FREIRE e MACEDO, 1990, p. 39).

Corriqueiramente, se ouve professores reclamando que os alunos de hoje em dia não conseguem compreender o que leem, não conseguem resolver problemas simples de matemática porque “nem compreender o bendito problema dão conta”. O aluno não está mais aprendendo a ler e escrever, chegando no ensino médio com dificuldades sérias nessa área.

[...] os alunos não precisam apenas aprender a decifrar os códigos da escrita. No mundo em que vivemos também é essencial aprender a fazer escolhas, a compreensão dos “fatos reais” e dos elementos que se encontram ocultos nos discursos, sejam eles oficiais ou não. Isso obriga os professores a escolher estratégias que oportunizem aos alunos, situações de reflexão em sala de aula e o desenvolvimento da criticidade, com base na capacidade de analisar e argumentar considerando que “[...] o ato de aprender a ler e

escrever é um ato de raciocínio, mas também é criativo e implica uma compreensão crítica da realidade” (FREIRE e MACEDO, 1990, p. 105).

Alunos que não conseguem compreender e interpretar o que leem, dificilmente conseguirão compreender sua própria realidade, estando impossibilitados de enxergarem as injustiças sociais responsáveis por mantê-lo em inércia atitudinal.

Um problema gera outro, e assim se multiplicam. Um lugar que não oferece uma educação de qualidade, tende a criar mão de obra barata, o que facilita a exploração, alto nível de desemprego que contribuindo para a violência também.

Problemas sociais gerados pela baixa escolaridade

Um jovem que abandona os estudos, se torna um problema para todo mundo, pois não se qualifica para o mercado de trabalho e na melhor das hipóteses fará parte de um grupo de empregados mal remunerados, que precisa submeter-se as más condições de trabalho para não ser demitido. Isso quando não faz parte de negativas estatísticas de desempregados ou que se envolveu com tráfico, uso de drogas, gravidez precoce, alcoolismo, roubos ou assassinatos.

Em São Félix do Xingu por ter um baixo nível de escolarização, quando precisa contratar ou mesmo quando se abre concurso público, grande parte das vagas acabam sendo destinadas a pessoas de outras cidades, o que impede os munícipes o acesso aos melhores empregos e salários, que conseqüentemente se torna mais um fator negativo para a ascensão social da população. Há ainda, aqueles que tem condições financeiras de mandar os filhos para estudarem em outras cidades e depois retornarem com o diploma na mão para conseguirem empregos melhores. Para a população mais carente fica quase impossível portanto, a mobilidade social. As diferenças educacionais entre os indivíduos geram uma desigualdade no mercado de trabalho, que gera desigualdade na renda, que resulta na persistência da pobreza entrando em um ciclo vicioso. Embora a pobreza seja um fenômeno complexo associado a muitas causas, está fortemente correlacionada ao baixo nível de escolaridade. Segundo Bagozzi (2015):

Estamos diante de uma sociedade capitalista em constante evolução social e tecnológica que se intensificou ainda mais com a globalização. Essa nova realidade tem gerado uma nova demanda na formação do cidadão principalmente com relação à qualificação profissional. Entretanto, se por um

lado o desenvolvimento tecnológico substituiu o trabalho humano, aumentando o desemprego. Por outro, a tecnologia otimiza tempo, espaço e cria oportunidades, gerando, portanto, a necessidade de um trabalho mais pensado. Em outras palavras, a força física trocada pelo raciocínio cria uma demanda de qualificação profissional. Sendo assim exige-se cada vez mais da educação buscando a qualificação necessária no desenvolvimento, e acima de tudo uma equalização no ensino de modo geral, no intuito de minimizar essa disparidade social crescente, em parte causada pela desigualdade nas condições da aprendizagem. (https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21930_10055.)

A tecnologia traz consigo uma via de mão dupla, portanto. Ao mesmo tempo que o serviço braçal do homem é cada vez mais substituído pela máquina, há cada vez mais também a necessidade de se preparar o homem para manusear e dar manutenção nestas máquinas, realizando uma troca da força pela inteligência humana. Isso reforça a ideia de que a maneira mais eficaz de melhorar a qualidade de vida dos cidadãos é investindo em educação e democratizando o acesso a qualificação profissional.

A ausência de políticas públicas que gere perspectivas de crescimento para os cidadãos é a raiz da maioria dos problemas sociais no município, contudo, é preciso uma maior interferência do estado para amenizar este problema, ampliando o acesso ao ensino superior e técnico. Com isso, o município deixará de importar de outros municípios, profissionais devidamente qualificados e passará a utilizar seus próprios conterrâneos, contribuindo para a diminuição do número de desempregados do município, melhorando a qualidade de desenvolvimento humano e melhor distribuindo a riqueza gerada.

EXCLUSÃO SOCIAL GERA BAIXA ESCOLARIZAÇÃO

A exclusão social gera famílias fragilizadas, vínculos afetivos desgastados, problemas relacionais, geralmente vinculados à violência, pois onde se há escassez, principalmente de comida, naturalmente se torna um ambiente hostil, crianças com baixa autoestima que acabam tendo maiores dificuldades de aprendizagem

A escola, sendo o local em que crianças e adolescentes passarão grande parte do seu tempo, deverá promover um ambiente acolhedor que desenvolva através da educação, a humanização e a construção da autonomia, criando um cenário que faça com que o jovem que as vezes vive as margens da sociedade tenha um sentimento de pertencimento ao grupo social escolar. Esse trabalho de inclusão deverá ser feito

não somente com aqueles excluídos economicamente, mas também os com necessidades educativas especiais, os que sofrem preconceitos raciais, os que sofrem homofobia etc. A escola é, por tanto, o local mais adequado para minimizar a marginalização sofrida por estes grupos.

Convém pensar na influência do meio sobre o desenvolvimento e a aprendizagem, que segundo Vygotsky, é inegável a relação entre desenvolvimento humano e ambiente. Sendo assim, as crianças que crescem em ambientes desfavoráveis, que presenciam ou sofrem práticas violentas em sua família, somada a ausência de estímulo por parte dos pais, tendem a ter seu desenvolvimento prejudicado e a serem influenciadas pelas mediações negativas que o meio ao qual estão inseridas lhes submete. Neste caso, a escola assume um papel ainda mais importante, devendo se tornar o oposto do citado anteriormente, garantindo um ambiente acolhedor que propicie as melhores condições possíveis para o aprendizado do ser humano.

Segundo 3, professor de matemática⁴, que trabalha tanto na instituição pública quanto privada no município a mais de 10 anos, relata que há uma diferença muito grande no perfil dos alunos entre o público e o privado, para ele a dificuldade encontrada nas escolas públicas, principalmente nas mais periféricas da cidade, é muito grande. Há uma falta de acompanhamento familiar, que somado ao desinteresse do aluno por diversos fatores resulta em um tipo de estudante que não estuda nada em casa. O que ainda é possível ser feito, é dentro da sala de aula, e o tempo para isso é pouco. “O aluno não estuda para provas, não há ninguém que o faça mudar esta postura”, afirma o professor. Para ele, enquanto não mudar esta cultura de não estudar, que não se aplica só ao aluno, mas em toda a estrutura social xinguense, nada mudará.

A escola pública e a vulnerabilidade social da família de seus alunos

Famílias que vivem em vulnerabilidade social, comumente constituem baixa escolaridade o que aumenta a probabilidade de formar pessoas que dificilmente conseguirão exercer seu papel de cidadãos com capacidade de reivindicarem pelos seus direitos. As pessoas que apresentam estas características são justamente

⁴ Informação fornecida pelo 3 professor de matemática em 20/06/2021

aquelas que estão à mercê das consequências da desigualdade social como pobreza, desemprego, saúde e alimentação precária, falta de lazer e cultura que incidem diretamente no acesso à educação, que se torna cada vez mais difícil devido aos impasses causados por esta desigualdade. A educação pública ofertada gratuitamente não garante a sua acessibilidade, visto que todo o contexto de privação de outros direitos continua a acontecer.

É importante destacar que a situação de vulnerabilidade social não significa, simplesmente, a pobreza. A ideia que demonstra uma situação de vulnerabilidade que algumas classes sociais estão submetidas diante de situações citadas, terá mudanças relevantes na América do Sul, merecendo destaque para os estudos de Moser (1998) afirmando que vulnerabilidade social e pobreza não devem ser entendidas como a mesma coisa. Enquanto a primeira é um conceito estático, a segunda é dinâmica. A fragilidade social estaria ligada à falta de segurança e falta de bem-estar de grupos a partir do aparecimento de um ambiente novo, inclusive sua capacidade de resposta e resistência aos riscos. Moser enfatiza a importância dos ativos das famílias, os quais exercem influência sobre a vulnerabilidade, como o trabalho, o capital econômico social, a ausência de casa própria e as relações familiares.

As vivências dessas crianças e adolescentes afetam de alguma forma sua vida na escola, pois a falta de recursos materiais mínimos para sobrevivência, muitas vezes estimulam a inserção precoce no mundo do trabalho; existindo a exploração do trabalho infantil e um alto índice de reprovação e evasão escolar. Como consequência, eles acabam não tendo perspectivas profissionais e um projeto para o futuro (SILVA; RAPOPORT, 2015).

As crianças e os adolescentes que vivem as consequências negativas das desigualdades sociais se encontram em situação de vulnerabilidade social e um dos principais questionamentos nessa situação é como as escolas podem contribuir para que sejam minimizadas as sequelas desse sofrimento (PEREIRA; 2013).

A escola sozinha não seria capaz de produzir uma sociedade justa. De fato, seria necessário um esforço coletivo com o propósito de equilibrar as desigualdades existentes dentro da escola, ou seja, encontrar uma forma de compensá-las, distribuindo melhor as vantagens e benefícios que estão ao alcance de poucos, como por exemplo, o acesso a bens culturais para todos. E a escola pode defender essa ideia sendo a porta voz daqueles que, por sua condição ou posições sociais

subalternas, não o fazem, mesmo por quê, encontram certa resistência por parte das elites que tiram vantagens ao longo do tempo.

Sendo assim, é necessário compreender a vulnerabilidade, pois esta aborda várias modalidades de desvantagem social, especialmente a fragilização dos vínculos afetivos, de pertencimento social ou relacionados a algum tipo de violência (PEREIRA; ENI, 2013) e é importante verificar o impacto das condições de vida no processo educativo (GONTIJO; MARQUES; ALVES, 2012), pois estas também geram exclusões.

Segundo o sociólogo francês Robert Castel (1997 apud Gentili, 2007):

[...] existem três tipos de exclusão, a supressão completa de uma comunidade, os mecanismos de confinamento ou reclusão e finalmente o segregar incluindo. E é esta última que muito preocupa no âmbito da educação e vem crescendo temerariamente por se tratar de uma forma invisível de exclusão. Indivíduos incluídos socialmente, mas excluídos por falta de condições e que acabam passando despercebidos por se tratar de uma situação comum e rotineira que acabou banalizada. Pobres, desempregados, sem-teto, negros, índios, pessoas com necessidades especiais, meninos de rua, são tantos convivendo em meio à sociedade que esta realidade acaba sendo naturalizada por ela. (GENTILI, 2007).

O “segregar incluindo” é muito comum acontecer em São Félix do Xingu. Alunos com necessidades educativas especiais, que são alocados em salas comuns do ensino regular, mas por falta de uma formação profissional que prepare adequadamente o professor, que não sabe como lidar com a situação e termina deixando a criança de lado sem oferecer de fato uma inclusão. Isso acontece também com os alunos de origem indígena que acabam encontrando muita dificuldade quando veem para a zona urbana. São exemplos de segregação em inclusão.

É necessário, por tanto, o inconformismo com a desigualdade que afeta milhões de pessoas ao excluí-las do processo de crescimento intelectual, econômico e social tão defendido na sociedade capitalista atual. E se deparar com tais situações e não se incomodar, é um apoio inconsciente a esta segregação.

O papel da escola não se resume a mera transmissão de informações, mas também a formação de cidadãos, promovendo seu aprendizado, sua socialização e desenvolvendo valores éticos e morais. Na presença de vulnerabilidades sociais, é importante que o diálogo seja estabelecido, a fim de reconhecer os fatores que estão prejudicando o desempenho escolar e intervir. O aluno não deve ser considerado de forma isolada, mas sim dentro do contexto em que está inserido. O enfrentamento das

dificuldades deve envolver toda a equipe pedagógica e a família do estudante. Uma vez analisada a função da escola frente a situações de vulnerabilidade, na próxima unidade abordar-se-á o papel da família neste contexto.

Na escola, crianças costumam demonstrar comportamento parecido ao que tem em sua casa e quando pertencem a famílias que estão em situação de vulnerabilidade social não é diferente, tornando ainda mais explícito. Segundo Sopelsa (2000, p.34), “desde o nascimento até a morte, o homem sofre influências das pessoas, da sociedade, do mundo, e reage a estas influências de acordo com as raízes que lhe foram impressas, ao longo de sua existência, pelas suas vivências e sentimentos”.

Segundo uma pesquisa realizada por Ferreira e Marturano (2002, p.40), as crianças com problemas de comportamento sofrem mais agressão física por parte dos pais, seu relacionamento com os pais é descrito mais frequentemente como distante ou envolvendo conflitos, e elas recebem mais suspensão na escola. Prejudica todas as relações que as crianças têm com as pessoas. Este estudo vai ao encontro das dificuldades encontradas nas escolas localizadas em bairros onde vivem famílias em condição de vulnerabilidade social. Ferreira e Marturano (2002, p.39) referem ainda que, no estudo realizado, “o grupo de crianças com problemas de comportamento tem seu ambiente de desenvolvimento mais prejudicado”, o que leva a crer que crianças que se desenvolvem em um ambiente estável não apresentam tanto problema quanto as que vivem em ambientes conturbados que apresentam alterações no comportamento e baixo rendimento escolar.

Quanto aos fatores internos e externos à escola, destacam-se neste estudo: a ausência de interesse, baixa expectativa, baixa motivação e infrequência do aluno; a falta de atratividade das escolas; currículos; relação professor-aluno; excesso de conteúdo. Os fatores externos variam de acordo com a região, idade e grupo socioeconômico a que pertence o aluno. Para Bourdieu (1998), entre os fatores externos, podem-se incluir: o trabalho, as desigualdades sociais, a gravidez, a necessidade de cuidar de familiares. Por sua vez, Brandão (1983) aponta a família como o fator mais determinante do fracasso escolar da criança, seja por não acompanhar as atividades escolares dos filhos, seja por não incentivar e valorizar a vida acadêmica deles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se propõe uma investigação no campo das desigualdades, na ausência do Estado diante da mínima mobilidade social proposta por ele e o quanto a escola representa tudo isso, em vez de se chegar a uma conclusão, abrem-se novos questionamentos, observações e surgem ainda mais perguntas que leve a uma sociedade mais justa e igualitária, capaz de oferecer possibilidades aos indivíduos poderem desenvolver suas potencialidades sem restrições pela sua situação socioeconômica.

Este trabalho possibilitou uma leitura sobre a mobilidade social da população xinguense, que acontece de forma bastante tímida devido à falta ou ineficiência do Estado diante das políticas públicas propostas, o que leva a um comportamento aparentemente apático e sem interesse pela escolarização por parte de seus cidadãos, contribuindo para falta de qualificação profissional que resulta na substituição de mão de obra dos munícipes por migrantes de outras cidades aumentando o desemprego, salários baixos, pobreza e escassez do básico, colaborando com a desestrutura familiar que leva a crianças a obterem mal desempenho escolar e volta para a conta do Estado transformado em índices negativos que trazem prejuízos para o município pela falta de coesão social.

A educação de qualidade ofertada para todos deve ser o elemento fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. No entanto, além de não ter o investimento necessário e práticas mais eficientes a escola enfrenta problemas causados pelas diferenças sociais e econômicas, reflexo da má distribuição de renda, que prejudica suas ações e a torna mera reprodutora de uma sociedade excludente.

Mas a escola é só um membro do Estado, se faz necessário um conjunto de mudanças estatais capazes de reduzir a vulnerabilidade social e melhorar os meios que possibilite ascensão, práticas diferentes do mero assistencialismo que pouco possibilita a independência do cidadão, através de sua evolução profissional para, enfim, alcançar sua emancipação socioeconômica. Para isso, no entanto, é preciso oferecer uma educação pública de qualidade, capaz de desenvolver efetivamente as crianças e jovens tornando-as cidadãos ativos, que consigam reconstruir suas possibilidades e que consigam obter um nível educacional que de fato abra portas para um futuro melhor.

Por fim, é possível concluir que a “falta de interesse pelo estudo” que tanto se ouve falar em escolas por profissionais e em outros lugares, é resultado da ausência de políticas públicas que propicie acessibilidade a população, que a pouca procura diante da demanda oferecida atualmente em cursos superiores na universidade pública também é resultado de um grande período que não se ofertava, e que ainda pode demorar a fazer parte das expectativas da população, causando ainda uma certa inércia nas pessoas com relação ao estudo. O Estado junto a escola, deve por tanto, assumir o protagonismo no sentido de moldar a cultura xinguense para que seja dado a educação sua devida importância. E como isso é possível? Dando exemplo. Sendo e primeiro a priorizar a educação com políticas públicas eficientes que melhore a educação em sua base, principalmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre; NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CARARA, Mariane Lemos. **Dificuldades de aprendizagem e vulnerabilidade social sob a percepção da comunidade escolar**. Disponível em: <www.uniedu.sed.sc.gov.br>. Acesso em 06 de julho, 2021.

DOURADO, Luiz Fernando; PARO, Vítor Henrique (Orgs.). **Políticas públicas e educação básica**. São Paulo: Xamã, 2001, p. 29-47.

DURKHEIM, É. **Educação e sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2011.

FERREIRA, Marlene de Cássia Trivellato; MARTURANO, Edna Maria. **Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 35-44, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donald. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GARCIA, Adir Valdemar; YANNOULAS, Silvia Cristina. Educação, pobreza e desigualdade social. **Revista Em Aberto**, Brasília, v. 30, n. 99, p. 21-41, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.30i99>. Acesso em: 06/02/2018.

GENTILI, Pablo Gentili, Chico Alencar. **Educar na esperança em tempos de desencanto**. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

<http://censobasico.inep.gov.br/censobasico/>. Acessado em 10/06/2021.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/pesquisa/37/30255?tipo=ranking>. Acessado em 20/06/2021.

https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21930_10055.

https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21930_10055.) **social** / Elcilene Medeiros da Silva Alves. -- 2019.102 f.

<https://www.ipea.gov.br/>. Acessado em 20/07/2021.

<https://www.qedu.org.br/busca/114-para/3412-sao-felix-do-xingu>. Acesso em 20/06/2021.

LIBÂNEO, José Carlos. OLIVEIRA, João F; TOSCHI, Mirza S. Educação

Escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003.

MARIN, Alda Junqueira. Formação de professores: novas identidades, consciência e subjetividade. In: TIBALLI, Elianda F. Arantes; CHAVES, Sandramara Matias (Orgs.). **Concepções e práticas de formação de professores diferentes olhares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 57-73.

RAPOPORT, Andrea; SARMENTO, Dirléia Fanfa. **Desenvolvimento e aprendizagem infantil: implicações no contexto do primeiro ano a partir da perspectiva Vygotskiana**. In RAPOPORT, Andrea et al (orgs.). **A Criança de seis anos no ensino fundamental**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

São Paulo: Saraiva, 1996. BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996.

SOPELSA, Ortelina. **Dificuldades de Aprendizagem: respostas em um atelier pedagógico**. 2 ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

TAVARES JÚNIOR, Fernando. **O Brasil e sua educação: sociedade, equidade e oportunidades**. In: TAVARES JÚNIOR, Fernando; NEUBERT, Luiz Flávio (Orgs.). **Políticas Educacionais**. 11. ed. Juiz de Fora: CAEd / FADEPE - UFJF, 2017. p.113-124.